

JOHN MANUEL MONTEIRO (1956-2013)

Ronald Raminelli¹

Há mais de duas décadas o professor John Manuel Monteiro é a grande referência para os historiadores brasileiros dedicados aos povos indígenas do Brasil Colonial. Em 1994, veio a público sua obra *Os negros da Terra; índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, livro que abordou os primórdios da capitania de São Paulo, sobretudo seus moradores e investidas pelo interior (os sertões) em busca de braços escravos indígenas. Nestes deslocamentos não expandiram somente o território lusitano sobre o espanhol, mas devastaram comunidades e também criaram condições para o nascimento de uma economia muito particular. Quando não aniquilados, os índios eram escravizados e trabalhavam no cultivo de trigo para abastecer as vilas e cidades do centro sul do Brasil. No tempo da expansão do tráfico de escravos e do cultivo de cana-de-açúcar no litoral, os paulistas menosprezaram “o circuito comercial do Atlântico e, desenvolvendo formas distintivas de organização empresarial, tomaram em suas próprias mãos a tarefa de construir uma força de trabalho” (Negros da terra, p. 57).

Assim, John Monteiro inaugurou uma perspectiva muito original, capaz de destacar a heterogeneidade das economias e das sociedades do Brasil colonial. Ao contrário do nordeste açucareiro, a capitania de São Paulo era produtora de trigo, cultivo tocado com mão de obra escrava indígena e dedicado ao abastecimento interno. Por certo o estudo incentivou estudos posteriores dedicados a contestar o modelo “externalista”, o predomínio da economia agrário-exportadora no passado colonial. Sua obra ainda promoveu outra reviravolta nos estudos coloniais, pois buscava pensar a história colonial a partir do ponto de vista indígena. Para desenvolver esta perspectiva de análise, manteve diálogo estreito entre historiadores, etnólogos e antropólogos. Do corpo docente do departamento de Antropologia da Unicamp, John Monteiro foi o grande incentivador da interdisciplinaridade. Esta é sem dúvida a maior contribuição de John Monteiro para as últimas gerações de historiadores brasileiros.

O grande livro de John Monteiro ainda prima por regatar a atuação dos índios para o desenvolvimento da capitania de São Paulo entre os séculos XVII e XVIII. Aliás, nesta investigação iniciada para receber o PhD na Uni-

1 Universidade Federal Fluminense (Brasil).

versidade de Chicago, ele tentou desmistificar a ideia, ainda dominante, que vincula o bandeirantismo paulista ao alargamento territorial e ao povoamento do interior brasileiro. De fato, os paulistas promoveram a devastação dos povos indígenas, capturados e reduzidos à escravidão, fosse nas investidas ao sul, nas regiões missionárias, fosse nos ataques ao norte contra os tapuias e negros do quilombo de Palmares. Assim, ao invés de povoadores, como salientava a historiografia tradicional, os paulistas participaram de investidas que levaram ao despovoamento de áreas do sertão. Para além do debate em torno dos povos indígenas, ao final do livro, Monteiro buscou conectar as histórias de São Paulo e Minas, a partir dos entraves promovidas pela falta de mão-de-obra no planalto.

No início do século XVIII, o processo de dominação estribado na captura e escravidão indígena se alterou impulsionado pelas descobertas das minas. Esta nova conjuntura, salientou Monteiro, deixou profundas marcas na sociedade paulista. “Em primeiro lugar, as relações forjadas entre senhores e índios definiram os extremos da estrutura de dominação, estabelecendo os fundamentos de uma sociedade escravista bem caracterizada. E, em segundo, a distribuição desigual dos cativos, situação que se agravava com a crise do apresamento, determinou diferenças marcantes entre alguns poucos colonos ricos e a grande maioria, a qual se achava cada vez mais submersa nem estado de pobreza rural” (p. 210). O estudioso tocava então em tema sensível e primordial para história do Brasil, ou seja, a gênese da desigualdade social que ainda hoje atormenta o cotidiano brasileiro.

John nasceu em St. Paul, nos Estados Unidos, em 1956, descendente de imigrantes portugueses. Tornou-se doutor em história da América Latina pela Universidade de Chicago (1985) e, em seguida, lecionou na Universidade da Carolina do Norte (EUA) e na Universidade Estadual de São Paulo. Foi pesquisador do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e desde 1994 era professor de antropologia na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

Sua trajetória intelectual se fazia em duas frentes. Mantinha diálogo com as comunidades e representantes indígenas contemporâneos, debatia intensamente a inclusão e exclusão social dos povos indígenas. Participava da organização de simpósios e congressos dos professores universitários desde os anos de 1990. Para além da prática política, sua atuação acadêmica incentivava as pesquisas sobre o passado colonial, apoiava os novos pesquisadores a investigar a história do ponto de vista dos povos indígenas, tornando-os não vítimas da opressão colonial, mas sobretudo agentes da transformação e adaptação às condições adversas estabelecidas nas áreas coloniais.

Para incentivar a nova história indígena, John Monteiro organizava o site “Os Índios na História do Brasil” (www.ifch.unicamp.br/ihb), onde disponibilizava informações sobre esta área de pesquisa. Neste site, encontram-se

teses, bibliografia comentada, estudos, papers de congressos, cursos e vários links. Ao longo de sua vida acadêmica trabalhou em equipe para compor catálogo de documentos e para organizar eventos, como o grupo de trabalho, denominado de “Índios na História”, na Associação Nacional dos Professores Universitários de História. O grupo mantém site na internet: http://br.groups.yahoo.com/group/GT_Indios_na_Historia/

Em seu último projeto, financiado pelo CNPq com bolsa de Produtividade em Pesquisa, “*Mamelucos e Mamelucas: Aliança, mestiçagem e Escravidão em Perspectiva Transcontinental (1550-1650)*”, o historiador dedicou-se à população mestiça na América Portuguesa, comparando-a, à luz da extensa produção bibliográfica, a outras partes do mundo. Em fins de outubro de 2012, tive oportunidade de ouvir sua conferência e conversar sobre este projeto, em nosso último encontro na Universidade Federal Fluminense-Niterói. O projeto planejava analisar a distinção entre mamelucos e mamelucas (mestiços de índios e brancos). Os primeiros surgiram de uniões entre as filhas de chefes indígenas e os principais colonizadores portugueses. Em seguida, os mestiços oriundos dos primeiros casamentos tornaram-se importantes intermediários, pois dominavam tanto os códigos culturais dos portugueses quando da tradição tupi. Possuíam, portanto, grande potencial para mobilização de guerreiros indígenas com o intuito de defender o território contra as invasões estrangeiras, como também produzir escravos indígenas para a economia colonial. Em um terceiro momento, John Monteiro analisou os casamentos entre as filhas mestiças da geração fundadora e os portugueses metropolitanos recém chegados na América. Os filhos mestiços desta geração também atuaram ativamente para conectar os colonizadores aos chefes indígenas do interior. Enfim, os mamelucos e as mamelucas, segundo o saudoso John, atuaram como personagens centrais nas sociedades coloniais da América portuguesa, papel ainda pouco explorado pelos pesquisadores do passado colonial.

Infelizmente, esta pesquisa original foi interrompida na noite do último dia 26 de abril, quando um táxi desgovernado atravessou a pista da Rodovia Bandeirantes, em Campinas, se chocou contra o carro dirigido por John. Ele não resistiu a violência do choque e logo veio a falecer no local. No auge de sua vida intelectual, John Manuel Monteiro deixou muitos amigos e uma legião de admiradores de sua obra e personalidade.

Para além do *Negros da Terra* (1994), vale mencionar os artigos que também contribuíram para o avanço dos estudos indigenistas:

Rethinking Amerindian Resistance and Persistence in Colonial Portuguese America. In: John Gledhill; Patience A. Schell. (Org.). *New Approaches to Resistance in Brazil and Mexico*. 1ed. Durham: Duke University Press, 2012, v. 1, p. 25-43.

- Mr. Hunnewell's Black Hands. In: Maria Helena P.T. Machado; Sasha Hüber. (Org.). *(T)Races of Louis Agassiz: Photography, Body and Science, Yesterday and Today/Rastros e Raças de Louis Agassiz: Fotografia, Corpo e Ciência, Ontem e Hoje*. 1ed.São Paulo: Capacete Entretenimentos, 2010, v. , p. 66-71.
- Labor Systems. In: John H. Coatsworth; Victor Bulmer-Thomas; Roberto Cortés-Conde. (Org.). *Cambridge Economic History of Latin America*. 1ed.Cambridge: Cambridge University Press, 2006, v. 1, p. 185-233.
- Conquest - Brazil. In: J. Michael Francis. (Org.). *Iberia and the Americas: Culture, Politics, and History*. 1ed.Santa Barbara: ABC-Clio, 2005, v. 1, p. 325-329.
- Unidade, Diversidade e a Invenção dos Índios: Entre Gabriel Soares de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen. *Revista de História (USP)*, São Paulo, v. 149, p. 109-137, 2003.
- Raças de Gigantes: Mestiçagem e Mitografia no Brasil e na Índia Portuguesa. In: Bela Feldman-Bianco; Miguel Vale de Almeida; Cristiana Bastos. (Org.). *Trânsitos Coloniais: Diálogos Críticos Luso-Brasileiros*. 1ed.Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2002, v. , p. 227-249.
- The Heathen Castes of Sixteenth-Century Portuguese America: Unity, Diversity, and the Invention of the Brazilian Indians. *Hispanic American Historical Review*, Durham EUA, v. 80, n.4, p. 697-719, 2000.
- Sal, Justiça Social e Autoridade Colonial: São Paulo no início do século XVIII. *Tempo*, Niterói, v. 4, n.8, p. 23-40, 1999.
- Rituais de Ocupação: revisitando as diferenças entre colonizadores. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, v. 97, p. 259-265, 1999.
- Os Caminhos da Memória: paulistas no Códice Costa Matoso. *Varia História*, Belo Horizonte MG, v. 21, p. 86-99, 1999.
- Caçando Com Gato: Raça, Mestiçagem e Identidade Paulista Na Obra de Alfredo Ellis Jr.. *Novos Estudos*. CEBRAP, São Paulo, v. 38, p. 79-88, 1994.